

UMA HISTÓRIA, JAMBALAIA.

Entre histórias do cotidiano e seus fragmentos, seguirei caminhando para um roteiro próximo e afastado ao mesmo tempo. Próximo por estar fisicamente ao meu lado, e afastado por não ter sido reconhecido por mim. Seguirei para uma das histórias do Jambalaia.

O termo "Jambalaia" originalmente se refere a uma iguaria da culinária de Nova Orleans, que é um prato típico da região, uma mistura de arroz, carne e frutos do mar. No Brasil, o termo também ficou conhecido através de um programa de televisão de humor chamado "Sai de Baixo", em que um dos personagens, Caco Antibes, usava a expressão "Jambalaia" para se referir a uma situação bagunçada, confusa ou caótica, fazendo alusão à mistura característica do prato.

"Jambalaia" era um condomínio dessa série de televisão, que inspirou o batismo de um prédio abandonado no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro. Eu, como morador do bairro, sempre ouvi histórias relativas à violência e assumi o receio de passar próximo a este prédio, adotando sem crítica a ideia de que o espaço de moradia para as classes populares está ligado à violência. Essas histórias levavam ao afastamento da possibilidade de passar perto do prédio, um caminho que alimentava a ausência, propagando uma postura de distanciamento reproduzida por estereótipos.

Estereótipos que podem produzir a ideia de que os moradores mais pobres do bairro se organizam em espaços afetados pela violência, que gera a ideia de um lugar a ser temido.

E eu, que luto para não reproduzir estes estereótipos, também alimentava estes pensamentos.

A pobreza e a miséria no Brasil são complexas, pois, como tipifica Souza (2018), não se limitam à exclusão das classes populares por não terem acesso ao trabalho formal, à cidadania e à dignidade de se alimentar, trabalhar, consumir, e ao direito à moradia, questões bem marcantes e duras numa sociedade.

Este autor aponta que existem outras relações complexas de exclusão, elas apontam para estruturas multidimensionais alicerçadas na estigmatização e discriminação. Ele aponta que a marginalização não se restringe apenas ao aspecto econômico, elas incluem dimensões culturais e sociais, levando a outras relações de segregação, como a negação da identidade do sujeito. Aqui, como morador do seu próprio bairro.

No caso do Jambalaia, este prédio deveria ter sido um conjunto de habitações para moradores emergentes dentro do bairro de Campo Grande. A construção desses prédios ocorreu

no início da década de 1990, quando prédios de apartamentos não eram comuns neste bairro da Zona Oeste, sendo vendidos como símbolos de progresso.

Este bairro teve sua ocupação territorial ocorrida em movimentos e momentos diversos ao longo da história. Ele está organizado informalmente, entre os moradores, com nomes de sub-bairros. Estes contam com maior ou menor infraestrutura, além do acesso cotidiano por moradores de bairros vizinhos que transitam, consomem e se sentem pertencentes ao bairro, o que forma o grande Campo Grande.

O Jambalaia ficava localizado nas proximidades de regiões do bairro com mais infraestrutura, porém, pela interrupção das obras na sua construção, ele foi ocupado por moradores de baixa renda, sem acesso à moradia. Num longo processo de intensas disputas, com ocupações e desocupações, ocorrendo a entrada e saída de moradores ao longo de sua história.

Este processo fez com que as residências e os sub-bairros nas proximidades do Jambalaia perdessem parte do seu valor especulativo, o que, pelo mercado imobiliário, e por parte dos moradores mais antigos, representou um declínio da região.

Nesta luta pela moradia e disputa pela permanência e construção do bairro, houve a produção de um olhar estigmatizado sobre os moradores do prédio. Vejo neste processo a construção do 'outro', e que a produção desta visão se dá pelo olhar de subalternização daqueles que não têm acesso e o direito à habitação.

Assim, observo que nos bairros das classes populares existe a produção e a reprodução do pensamento hierarquizante que produz esta ideia do 'outro' que não é igual, que pode ser reduzido e apagado, que pode não ter acesso a direitos ligados à cidadania, à convivência e ao reconhecimento do seu pertencimento no seu lugar.

Por uma construção social que reflete e fomenta desigualdades estruturais presentes na sociedade, observo que existem diferentes tecidos sociais dentro das classes populares, formados por acordos, tensões e cisões, que se articulam e que produzem exclusões, com produções e reproduções ideológicas que lançam a um conjunto de sujeitos a ideia de que podem ser ausentados, invisibilizados e ter suas relações 'implodidas'.

Então, dentro das camadas populares, também existe um processo de exclusão dessa camada da população. Esta não se limita apenas à pobreza material, mas também inclui marginalização cultural e social, que produz barreiras sociais que impedem o pleno exercício da cidadania e a busca por uma vida digna.

Assim, vejo que esta política representa a marcação da segregação e das desigualdades, este processo de implosão predial simbolizou a negação violenta do sujeito, que, entre

outras coisas, teve suas vivências, experiências, memórias, sonhos e aquilo que conquistou naquele lugar que se constituíram, implodidos.

Entre diversas vivências no bairro, os fluxos de pessoas e os cruzamentos da vida, eu, como professor, pude me encontrar com um adolescente pequeno, um jovem bacana, bagunçeiro, disperso e querido, que mencionou algumas vezes que morava nesse prédio. E eu, sinceramente, dei pouca importância, exceto pelo sentimento de pena.

Porém, um dia, o som vindo da sala dos professores despertou em mim uma sensação de raiva, e esse sentimento trouxe uma lição que levo para toda a minha vida. Entre as vozes que ouvi, não consigo identificar exatamente quem falou, mas palavras semelhantes a estas foram ditas: "Como pode? As aulas mal começaram e aquele garoto com a blusa toda amarelada, será que não tem ninguém para lavar aquela blusa?"

Utilizando palavras comuns na minha região, ao ouvir aquelas palavras, eu, sinceramente, fiquei 'puto'.

Uma pancada!!!

Foi uma verdadeira pancada, ver professores experientes desistindo de educar para criticar um menino de no máximo 13 anos.

Aquela fala pejorativa mexeu comigo, e eu pensei: como poderiam falar assim de um aluno? Como poderiam falar assim de um aluno meu? Como poderiam falar assim de um aluno de um CIEP, assim como eu fui? Fiquei indignado, mas me senti sozinho nessa situação.

E assim, segui silenciado tacitamente pela falta de experiência, e isolado.

Pensei um pouco, imaginando como abordar o assunto com aquele pequeno aluno. Elaborei uma estratégia, aguardei o momento adequado e, utilizando uma tangente, fui ao encontro daquele menino.

E foi rápido, logo na aula seguinte, quando os alunos foram liberados para o recreio, chamei-o e ele, de forma tranquila, não reclamou. Ele me ouviu atentamente. Falei com ele da seguinte maneira: "Cleb... você ficou grandão nas férias, fique esperto, porque agora as meninas vão começar a se interessar por você. Tente evitar brincadeiras exageradas, esteja arrumado e fique atento, pois elas podem querer namorar com você".

Ele sorriu, parecia estar feliz. Aproveitei aquele momento emocional e mencionei a questão da blusa amarelada, ressaltando a importância de ele lavar suas roupas. Comentei que, agora que estava mais crescido, ele já tinha idade para ajudar sua mãe caso ela não pudesse fazer sozinha todo o trabalho de casa.

E em meio à nossa conversa, ele se virou para mim como se estivesse contando uma história comum, e me disse que não tinha mãe e nem pai. Essa revelação mexeu profunda-

mente comigo. Em seguida, ele começou a descrever a precária situação em que vivia no Jambalaia - um prédio sem água, esgoto ou luz, onde até cavalos também encontravam abrigo. Ele compartilhou detalhes sobre a estrutura familiar, mencionando que ele era o mais velho entre seus quatro irmãos e que quem cuidava deles era a esposa de seu tio, que estava preso. Essa mulher tinha seis filhos, e o filho mais velho dela ficava responsável por cuidar dele e de seus irmãos.

No meio da conversa, seu primo chegou. Sim, seu primo chegou, o responsável, aquele que assumia o cuidado pelos menores.

O primo, era meu aluno do 9º ano, tinha, no máximo, 14 anos. Naquele momento, todo o meu conhecimento e minha perspectiva narrativa sobre a experiência da pobreza desmoronaram – um ‘saí de baixo’. Aqueles garotos, que eu costumava ver como legais, mas bagunceiros, e alguns colegas expressavam apenas como descuidados com a higiene, revelaram-se muito mais responsáveis do que eu jamais imaginei serem. Meu pequeno mundo desabou, e percebi que esses garotos enfrentavam desafios e tinham uma maturidade que eu não conseguia compreender completamente.

Nessa história do 'Jambalaia', um prédio que já não existe mais, pude perceber o quão arrogante um professor pode ser, independentemente de sua origem social. Essa experiência com meus alunos de origem humilde me fez repensar meus preconceitos e confrontar minha própria arrogância. Reconheci a responsabilidade e a resiliência dos jovens em situações difíceis. Foi um momento de reflexão profunda, que me fez valorizar a importância de olhar para além das aparências e reconhecer a diversidade de experiências e habilidades que existem entre os alunos.

E, assim, concluo essa jornada observando o rio que passa ao lado, onde antes estava o Complexo Jambalaia. Sem saber ao certo o que representa a terceira margem do rio, de Guimarães Rosa, reflito sobre como nossa humanidade pode transformar algo tão poderoso como um rio e a vida de jovens em algo insignificante, desprezível e negligenciado. Essa transformação ocorre, mas devido à nossa própria arrogância e falta de compreensão, não por desejo próprio do ser rio, do ser menino, mas pela nossa ‘humanidade’.

Ao questionar e refletir, surge a curiosidade e me pergunto onde eles estarão hoje? Será que eles prosseguiram os estudos? Qual a importância das pesquisas acadêmicas para sujeitos das classes populares tal qual esses meninos-[jambalaia](#)?

Elcio Arian do Carmo Cunha

Dezembro de 2023

Bibliografia

ROSA, João Guimarães. "A Terceira Margem do Rio". In: _____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.

SOUZA, Jessé. A Ralé Brasileira: quem é e como vivem. 3ª edição. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

TV BRASIL, Complexo Jambalaia é implodido em Campo Grande, no Rio. In: <https://www.youtube.com/watch?v=1zBnVrCbLKc>, Acesso em 30/05/2023.